

ENTREVISTA

Miguel Torres

presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes, da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos e vice-presidente da Força Sindical

“O movimento sindical não vai sair de cena, mas vai precisar se reinventar”

SANDRO THADEU
DA REDAÇÃO

A reforma trabalhista trará muitos impactos negativos aos brasileiros assalariados e enfraquecerá a estrutura sindical. Essa é a avaliação do vice-presidente da Força Sindical e líder da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNTM), Miguel Torres. Ele esteve na última semana, em Praia Grande, onde ocorreu a assembleia geral do Conselho de Representantes da CNTM. Em entrevista exclusiva para a Tribuna, Torres acredita que as mudanças nas leis trabalhistas fazem parte de um plano muito maior para enfraquecer a soberania nacional e exigem mobilização da sociedade. Por outro lado, admitiu que é necessário repensar o movimento sindical e fortalecer a formação política dos trabalhadores. Confira os principais trechos da entrevista:

A reforma trabalhista aprovada pelo Congresso Nacional desagradou o movimento sindical. É exagero dizer que ela faz parte de um projeto muito maior de quem está no poder atualmente?

Ao analisar tudo o que vem ocorrendo nos últimos meses, a reforma trabalhista não foi uma coisa isolada. Vejo que ela é a árvore que está na nossa frente, mas há uma grande floresta atrás dela. Nesse período, demos alguns passos em direção à desnacionalização da nossa indústria e à venda do nosso patrimônio. Na semana retratada, tivemos a liberação para a exploração das reservas minerais da Amazônia. Essa discussão sobre esse patrimônio nacional já vinha ocorrendo há seis meses na Europa. Temos agora a questão das privatizações, que são predatórias ao Brasil. A Eletrobrás deverá ser vendida por R\$ 20 bilhões, sendo que a usina de Belo Monte foi construída por R\$ 40 bilhões. Isso é uma entrega do nosso patrimônio. Existe um projeto neoliberal de liberar o nosso patrimônio ao exterior. Isso é gravíssimo.

A velocidade de tramitação da reforma sindical surpreendeu os sindicalistas?

Ela foi aprovada em uma velocidade nunca vista dentro do Congresso. Tanto é que outros projetos complexos demoram anos para avançar. Uma reforma de tamanha amplitude deveria ter sido mais discutida. A análise ocorreu a toque de caixa. Ela começou com uma proposta de 12 pontos e saiu com 106. Nenhuma emenda parlamentar foi aceita. E o maior prejudicado com isso foi o trabalhador, que ainda não acordou para essa nova realidade que entrará em vigor a partir de 12 novembro, quando essas mudanças passam a valer. Isso vai ter um impacto muito forte para o trabalhador e para as gerações futuras.

E qual é o cenário projetado a partir de 12 novembro?

O pior cenário é o trabalhador negociar tudo diretamente com o setor patronal. As homologações das pessoas com mais de um ano de casa deixarão de receber a assistência dos sindicatos e do Ministério do Trabalho e passarão a ser feitos pelos empresários. Vejo que teremos



“A palavra de ordem é resistência. Se a gente não fizer isso, com certeza, as perdas serão irreversíveis para os trabalhadores”

muitos problemas com essa situação do patrão negociar diretamente o banco de horas com o empregado, que poderá ser individual. Outro fator preocupante é a criação da representação da categoria no local de trabalho, com indicação da empresa, para esvaziar os sindicatos. A nova legislação vai acabar com a obrigação de ter cargos e salários iguais para as funções. A reforma trabalhista extinguirá o modelo sindical que temos hoje. Mesmo com todos os defeitos, é um modelo atuante.

Tive a impressão que houve uma resistência pequena da oposição na Câmara para barrar a reforma trabalhista. Por que isso ocorreu?

O Congresso se fechou e aprovou as mudanças a toque de caixa. O movimento sindical tentou negociar alguns itens. O que ocorreu foi uma imposição. Não havia opção de melhoria, de entendimento e de equilíbrio.

Antes da votação da reforma trabalhista, o presidente Michel Temer (PMDB) divulgou

que seria publicada uma Medida Provisória (MP) para mudar alguns pontos da nova legislação. E quais são as alterações previstas?

A promessa não foi cumprida até o momento. As correções envolvem a proibição de gestantes e lactantes trabalharem em local insalubre, mudança nas regras de trabalho intermitente e o fim da representação dos funcionários nos locais de trabalho. No total, são seis ou sete pontos. Enquanto a MP não vem, já entregamos propostas para a retomada do desenvolvimento econômico e de geração de emprego, entre elas o aumento do número de parcelas do seguro-desemprego de cinco para sete.

E a questão do financiamento das entidades de trabalhadores?

A proposta que estamos defendendo dentro da MP não é a substituição do imposto sindical por uma outra contribuição, mas regulamentando o que hoje já existe, que é a Contribuição Assistencial/Confederativa. É preciso ter critérios

de transparência na prestação de contas e quem deve decidir isso é a categoria, com um quórum mínimo de representação. Com essa maior participação, haverá uma fiscalização maior desses recursos.

Diante desse cenário, os sindicatos terão de se reinventar? É possível que haja fusão dessas entidades por setor?

Acreditamos que o movimento sindical não vai sair de cena, mas vai precisar se reinventar. Atualmente, temos cerca de 12 mil sindicatos de trabalhadores espalhados pelo Brasil e de 5 mil a 6 mil sindicatos patronais. É um absurdo. É muito sindicato. Temos hoje em torno de 4.500 sindicatos que não firmaram nenhum Acordo Coletivo de Trabalho ou Convenção Coletiva de Trabalho nos últimos três anos. São sindicatos que nem mereciam existir e estão aí por outros motivos. O movimento sindical facilitou a ampliação do número dessas entidades. Vejo que temos de pensar na unificação das categorias e de fusão de sindicatos.

“Temos de politizar o trabalhador. Mesmo ele não gostando da política, ela é necessária, porque é lá que se resolve. A luta faz a lei”

Durante as greves e protestos liderados por entidades de trabalhadores, é possível observar muitas pessoas criticando os sindicalistas. O senhor acredita que é reflexo da ausência de um trabalho mais forte de formação política e ideológica dos trabalhadores?

Com certeza. Acredito que o movimento sindical deve estar mais próximo dessa necessidade. Vejo que são poucos os trabalhadores que entraram no mercado após a Constituição de 1988 e que enxergam as conquistas obtidas pelos sindicatos. Temos de fortalecer o trabalho de base. Infelizmente, o trabalhador só vai acordar quando sentir a perda. Quando isso ocorrer, o sindicato pode ter diminuído ou até acabado, ficando sem quem o defenda. É incrível que a maioria não saiba os efeitos da reforma trabalhista, mas sabe do fim do imposto sindical, que assegura uma série de ações para a garantia social desse cidadão. Além disso, temos poucos deputados ligados ao movimento sindical. Precisamos encontrar uma forma de equilibrar esse jogo no Congresso. Vamos tentar isso no próximo ano.

Como diminuir a forte resistência dos trabalhadores em aceitar as candidaturas de lideranças sindicais para cargos públicos?

Podemos mudar esse cenário com mais informação. E precisamos formar melhor os trabalhadores. É preciso compreender que a entidade faz o papel dela até determinado ponto. Ela defende, reivindica, negocia, mas as leis são elaboradas pelo Legislativo, assim como pelo Executivo em muitos casos. Precisamos ter mais nomes para ocupar esses espaços. Por exemplo: 296 deputados federais aprovaram a reforma trabalhista. Se a gente tivesse 200 parlamentares, ao invés de 40, como acontece hoje, a história seria diferente. Esse número é muito desproporcional. Temos de politizar o trabalhador. Mesmo ele não gostando da política, ela é necessária, porque é lá que se resolve. A luta faz a lei. Temos que trabalhar forte nesse sentido.

Como a crise afetou o setor metalúrgico?

Perdemos de 400 mil a 500 mil postos. Hoje, temos cerca de 1,8 milhão empregados no setor. Estamos sofrendo um processo de desindustrialização do País. Nos últimos 20 anos, a indústria representava 40% do Produto Interno Bruto (PIB) e este ano ficará em menos de 7%. Isso é reflexo da transformação da importação como grande fator para a indústria. Não há país desenvolvido no mundo que não te-

nha a indústria como o seu principal alicerce. Abrimos mão disso. Temos um parque industrial fantástico e adotamos uma política mais liberal do que o normal, atrapalhando o desenvolvimento do País. O Brasil precisa ter uma política nacional de desenvolvimento. Hoje, temos lampejos de políticas econômicas por meio de incentivos esporádicos. Devemos pensar as regiões como um polo de desenvolvimento para gerar tecnologia e qualificação. Quem perde com isso é a população.

E como o senhor enxerga ações integradas de vários setores para a geração de trabalho, emprego e renda, como está se desenhando na Baixada Santista?

Independente deste plano macro, precisamos pensar em ações locais. O impacto causado com as mais de 3.000 demissões de trabalhadores da Usiminas provocou um grande abalo na Baixada Santista e os efeitos são sentidos até hoje. Mas esse tipo de iniciativa deve ser feito com planejamento. A dificuldade é grande por conta dos desafios que surgem diariamente. Vejo a luta diária pela preservação da mão de obra dos trabalhadores portuários de Santos. É um jogo pesado contra grandes empresas. O mesmo acontece com os companheiros da construção civil, químicos, metalúrgicos e urbanitários, entre outros. Precisamos unir forças. Não adianta agir isoladamente.

E essa unidade nacional está sendo construída?

Sim, de forma gradual. Na nossa categoria, conseguimos unificar os metalúrgicos de todo o Brasil, de diferentes centrais sindicais. Superamos questões históricas e divergências. Isso ajuda a pensar em ações conjuntas. Esse movimento se chama Brasil Metalúrgico. Estamos lançando um abaixo-assinado para revogar a reforma trabalhista. Outras confederações e centrais sindicais estão lutando para levar isso adiante. No próximo dia 29, vamos ter a plenária nacional dos metalúrgicos e de outras categorias do setor industrial, em São Paulo, para organizar esse movimento de resistência. Estamos querendo agregar mais segmentos de trabalhadores. A palavra de ordem é resistência. Se a gente não fizer isso, com certeza as perdas serão irreversíveis.

FALE COM A GENTE!

Coordenadora Pedagógica Carolina Morgado
E-mail: atribunanaescola@atribuna.com.br
Telefone: 2102-7249

Projeto socioeducativo de incentivo à leitura que utiliza o jornal como recurso didático e pedagógico, contribuindo para a formação de cidadãos leitores conscientes e participativos. Uma iniciativa de A Tribuna, em parceria com a Associação Nacional de Jornais (ANJ).

www.tribuna.com.br/atribunanaescola

A TRIBUNA
NA ESCOLAEscola de Santos adere
ao Setembro Amarelo

A ação, proposta pelos próprios alunos, rendeu frutos no Colégio Afonso Pena, em Santos

DA REDAÇÃO

A escola deve ser um espaço aberto ao diálogo e reflexão. Esse é o desafio de centenas de educadores, em especial dos que participam de iniciativas como o A Tribuna na Escola, que estimula a leitura diária da realidade na qual estamos inseridos.

Apesar dos inúmeros esforços, nem sempre lidar com o objeto das notícias é tarefa fácil no dia a dia dos estudantes. Mesmo assim, os educadores não desistem. E nem mesmo os jovens.

Prova disso é o grupo de alunos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Afonso Pena, que procurou a coordenação da escola para propor uma atividade diferente: a conscientização sobre o suicídio, pelo Setembro Amarelo.

Os alunos Bianca Pinheiro Bento Baltazar, Maria Cláudia Fumelli Montinho Pedroso e Guilherme Domingues Branco tiveram a ideia, promovendo algumas palestras em diversas classes e rodas de conversa nas aulas de Filosofia e Sociologia.

"A ideia central é conscientizar a sociedade, principalmente os jovens, sobre a gravidade dos atos suicidas. No dia seguinte ao Dia Mundial da Prevenção do Suicídio (10 de setembro), os alunos postaram um poema na página do projeto sobre a importância do apoio das pessoas nessa luta", explica a coordenadora Ana Billi.

"Estamos organizando uma palestra sobre o tema com um especialista no assunto e uma psicóloga. É importante que o suicídio seja debatido para que se quebre a ideia de que isso é um ato covarde. Falar sobre essa realidade não irá induzir mais jovens a cometer tal atitude", diz um aluno.

ESTATÍSTICAS MUNDIAIS

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que um milhão de pessoas se suicidem a cada ano, sendo uma a cada 40 segundos, o que equivale a 1,4% dos óbitos totais.

Cerca de 75% ocorrem em países de rendas média e baixa. Segundo a OMS, apenas 28 na-



Os próprios alunos procuraram a direção da escola para propor o trabalho com o tema



O grupo de alunos, do 3º ano do Ensino Médio, se engajou na campanha durante as atividades

POEMA

A vida deu a ela um balão
com um problema a ser
resolvido
Depois de tempos buscando
a resolução
Notou que sozinha seria
impossível
Ela pensava em desistir
Em largar tudo de mão
Pois não sentia-se capaz
de resistir
A toda aquela aflição
Cortar a corda
Estourar a bexiga
Essas pareciam boas saídas
E quando quase completava
essa missão
A menina enfim sentiu uma
velha sensação
Aquele quentinho no coração
Que ela mal reconhecia
Uma voz amigável ressurgiu
em sua vida
A jovem então percebeu
Que não estava mais sozinha
que com diversos parceiros
Resolveria aquele enigma
E na nova caminhada
aprendeu a se portar
Com os pés firmes no chão
ela tinha de estar
Pois o vento forte certas
vezes reaparecia
E difícil era não ser levada
junto com a bexiga
Com o tempo o que a unia ao
problema foi se desgastando
O balão foi se esvaziando
E a menina enfim pode ir
se reencontrando
Ela caminhou para uma
nova realidade
E voltou a emanar apenas
positividade!

FEITO POR ALUNOS
DO COLÉGIO AFONSO PENA

DEFESA DA VIDA

Um movimento de conscientização foi iniciado no Brasil pelo Centro de Valorização da Vida, o CVV. As primeiras ações do Setembro Amarelo ocorreram em 2015, em Brasília. Mundialmente, a Associação Internacional para Prevenção do Suicídio (IASP) estimula a divulgação da causa, vinculando a luta pela vida ao dia 10 do mesmo mês, quando transcorre o Dia Mundial de Prevenção do Suicídio.

ções possuem estratégia de combate à morte voluntária. O Sudeste Asiático apresenta os índices mais altos, com 17,1 suicídios por 100 mil habitantes, seguido pela Europa, que chega a 13,8 por 100 mil.

OUTRAS EDIÇÕES

11 de fevereiro
Fundação Casa de
Guarujá também
é bom exemplo

Unidade em Guarujá participa há anos do A Tribuna na Escola, com atividades pedagógicas envolvendo o jornal.

4 de setembro
Fundação Casa de
SV faz leitura e
conscientização

Jovens abordam assuntos como educação deficiente, saúde de má qualidade, falta de trabalho e ausência de moradia.

28 de agosto
A função do jornal
no centro do debate
em escola de PG

Professores apresentam assuntos de interesse da comunidade, de forma lúdica e contextualizada, com base em notícias.

21 de agosto
Jornal ganha
significado na EM
Estina Campi Baptista

Alunos do primeiro ano descobrem a função do jornal e professora usa reportagem para embasar discussões.

DEPOIMENTO

SUELY PITOMBEIRA

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA LUCIMARA DE JESUS VICENTE

"Antes de mais nada, o jornal é um instrumento de leitura transformador"

"Gosto de trabalhar com o jornal em sala de aula porque é uma forma de os alunos terem contato com textos em linguagem jornalística, o que não é comum nas comunidades em que estão inseridos. Através da leitura do jornal, desenvolvo encenações, produções textuais, teatros, paródias, debates e torno as aulas muito mais dinâmicas."



A turma criou até um poema enaltecendo a luta contra o suicídio, a vida e o apoio dado a quem precisa

LEITURA RÁPIDA

Dia Mundial Sem Carro
Escolas podem enviar
projetos para divulgação

No próximo dia 22, Santos terá uma série de ações em prol do 'Dia Mundial Sem Carro' - uma iniciativa da Associação Brasileira de Ciclismo - Baixada Santista. A data, inspirada na mobilização de países europeus quanto aos problemas causados pelo uso intenso de automóveis, sobretudo nos grandes centros urbanos, é um convite ao uso de meios de transporte sustentáveis, entre os quais se destaca a bicicleta. A data será tema de atividades do A Tribuna na Escola. Por isso, colégios que estejam preparando atividades relacionadas ao trânsito, transporte e mobilidade urbana podem enviar detalhes do projeto para o email atribunanaescola@atribuna.com.br.